

# ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL PARA A INTERPRETAÇÃO DA CADEIA OPERATÓRIA DAS BOLEADEIRAS PRÉ-COLONIAIS

Bruno Gato da Silva  
Saul Eduardo Seiguer Milder

## Introdução

A ocorrência da boleadeira está associada, segundo Politis (2008) ao Holoceno Médio (7000 A.P. até 3000 A.P. No Brasil a ocorrência de bolas de boleadeira está ligada a Tradição Umbú, Ribeiro (1990) informa que esta tradição teria surgido entorno de aproximadamente 12000 A.P., mantendo-se até por volta de 200 A.P., e dividida em 22 fases com distintas características temporais e espaciais. No entanto, há vestígios associados à Tradição Umbú encontrados no Brasil desde o Rio Grande do Sul até o Paraná, além da Argentina e do Uruguai.

## A cadeia operatória e a experimentação Arqueológica

O estudo das cadeias operatórias de indústrias líticas leva em conta "tous les processus, allant de l'approvisionnement en matière première jusqu'à son abandon, en passant par toutes les étapes de fabrication et d'utilisation d'un outillage" (Inizan et al 1995, p. 14). A cadeia operatória deve ser vista como a totalidade das ações técnicas, mais que etapas de transformação da matéria, este encadeamento de gestos organizados reflete um patamar de ordem intelectual de escolhas e conhecimentos de cada grupo humano.

A experimentação se justifica a partir da observação de bolas de boleadeiras de morfologias pouca simétricas e que apresentam córtex que sugerem que tais tenham sido feitos a partir de seixos em que foram produzidos sulcos para prensão de correias. Os materiais observados estão presente no acervo do LEPA/UFSC e são oriundos do Sítio Arqueológico do Pororó (Pinhal Grande), Sítio Arqueológico Corredor do Bolso (Santa Margarida do Sul) e Butuy 1 e 2 (São Borja). Tem de se pontuar a recorrência de algumas lascas provenientes do Sítio Arqueológico Pororó que apresentavam desgastes muito acentuados com morfologia côncava que, encaixava-se perfeitamente nos sulcos das bolas de boleadeiras que dispúnhamos. Estes exemplares desgastados levaram à formulação da hipótese de que determinadas lascas poderiam ser suportes de instrumentos abrasivos utilizados na cadeia operatória de produção de bolas de boleadeiras.



Lascas com polimento côncavo nos gumes

## A Experimentação com boleadeiras

O Primeiro passo foi a escolha de 3 seixos, dois deles com as mesmas dimensões, e um terceiro de menor tamanho que serviria de Contrapeso. O segundo momento constituiu-se da escolha dos percutores para a *débitage* de lascas suportes para os instrumentos abrasivos. Posteriormente realizou-se a escolha e a *débitage* de um bloco de arenito silicificado para obtenção dos suportes.



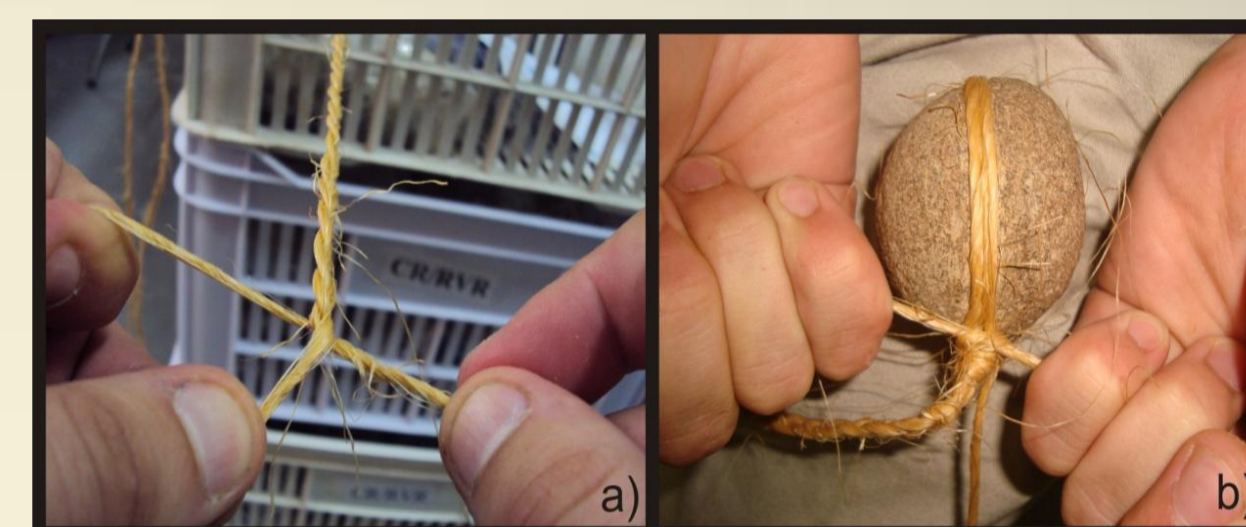
Escolha das matérias primas e *débitage* dos suportes para os instrumentos abrasivos

Ao realizar a produção dos sulcos, percebeu-se que era mais Adequado fazê-lo em duas etapas, uma primeira, com lasca pequena para delimitar o sulco, e uma segunda, com uma lasca de grande porte onde a boleadeira é abrasada contra esta.



Dois momentos da confecção dos sulcos.

Posteriormente, tratou-se de produzir as correias utilizando o sisal, trançando-o com o método de 3 cordas, por ser mundialmente conhecido. E Por último realizou-se da fixação das bolas nas correias.



Confecção das correias e Fixação das bolas

## A utilização

Todos os artefatos possuem uma dinâmica própria, intrinsecamente ligada a sua estruturação tecnológica. É preciso que esta dinâmica seja incorporada pelo indivíduo fazendo com que o objeto torne-se uma extensão do próprio corpo (Warnier, 1999). A rotação das boleadeiras implica uma série de gestos que não se limita aos membros superiores, mas que envolve o corpo inteiro. A partir deste ponto não é mais separável técnica corporal e instrumental, o mínimo movimento realizado pelo tronco, ou mesmo, pelos membros inferiores, altera harmonia do conjunto. No decorrer da utilização percebeu-se que para lançar as boleadeiras, em geral, faz-se pouquíssima força, o que aumenta a trajetória a ser percorrida pela boleadeira não é a força colocada no momento do lançamento, mas sim, uma uniforme rotação do todo somada a uma correta postura corporal.



Utilização do artefato

## Referências

- FOGAÇA, Emílio. *Mãos para o pensamento*. 2001. 459f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a palavra I: Técnica e linguagem*. Tradução de Vítor Gonçalves. Lisboa: edições 70, 2002 a.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a palavra II: Memória e ritmos*. Tradução de Emanuel Godinho. Lisboa: edições 70, 2002 b.
- LEROI-GOURHAN, André. *Evolución y técnica I: El hombre y la materia*. Madrid: Taurus comunicación, 1988.
- INIZAN, Marie-Louise; BALLINGER, Michèle Reduron; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques. *Technologie de la Pierre taillée*. Meudon: C.R.E.P., 1995.
- WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle: L'Homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses universitaires de France, 1999.
- POLITIS, Gustavo. The Pampas and Campos of South America. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (org.). *The Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p.231-260.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. A Tradição Umbu no Sul do Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: vol.17, n.20, p.129-151, 1990.